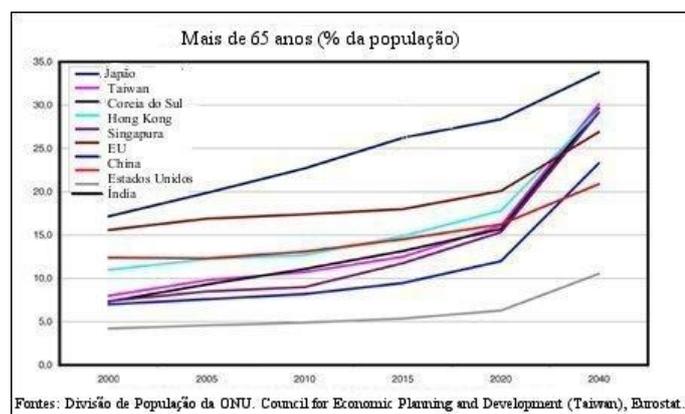


### A Ásia oriental é o novo “Velho Continente”

Quando se fala de envelhecimento da população, é normal pensar na Europa. Há que começar a olhar para outro lado. O Extremo Oriente é a parte do mundo que mais depressa está a envelhecer. O que significa o fim do modelo que lhe deu o seu vigoroso desenvolvimento, baseado numa economia orientada para a exportação, alimentada por abundante mão de obra barata e onerada com poucos custos sociais. Estes países confrontam-se subitamente com problemas como os do Ocidente, mas sem os seus sistemas de proteção social (salvo no Japão) terem alcançado a maturidade.

O gráfico mostra o envelhecimento previsível de 2000 a 2040 do Japão, da China e dos "tigres asiáticos", expresso em percentagem de população com mais de 65 anos. Acrescentam-se três termos de comparação que não pertencem ao Extremo Oriente. Por um lado, os Estados Unidos e a União Europeia (UE) representam o Ocidente rico, que - com o Japão - já experimentam o que aos orientais se avizinha. Por outro lado, escolheu-se também a Índia, o segundo país do mundo com mais habitantes e exemplo da pujança demográfica na Ásia meridional. Com efeito, esta outra região tem uma população comparável, mas jovem; nem mesmo os outros países que a formam (Indonésia, Filipinas, Malásia...) chegarão a 15% de idosos de 65 em 2040.



### Tigres envelhecidos

A linha que se destaca por cima é a do Japão, o país que sofreu o maior e mais rápido envelhecimento do mundo. A sua taxa de fecundidade é inferior ao limiar de renovação (2,1

filhos por mulher) desde 1974, e a sua esperança de vida é também a número um do planeta.

Os "tigres asiáticos" não alcançarão o Japão dentro do futuro previsível, mas em breve começarão a encurtar a distância, e em 2024 espera-se que confluem à volta de 30% de idosos de 65 anos. Também a curva chinesa subirá muito, mas sem chegar tão alto. Esta aceleração é característica dos cinco países: hoje são mais jovens do que a União Europeia e os Estados Unidos, e na próxima década vão superá-los em velhice (só a China ficará entre os dois).

Essa aceleração deve-se, como antes a do Japão, às duas componentes do envelhecimento: o aumento da longevidade e a descida da natalidade. A UE passa muitas vezes por ser o paradigma da baixa fecundidade, mas no Extremo Oriente, só a China apresenta hoje uma taxa superior à europeia (ver gráfico). Hong Kong tem, depois de Macau, a fecundidade mais baixa do mundo, segundo a Divisão de População da ONU. Taiwan, Singapura e a Coreia do Sul ocupam lugares próximos.

Mais pessoas que chegam em grande número à idade da reforma e menos nascimentos para as substituir trazem a estes países uma taxa de dependência de idosos mais alta do que a da Europa (ver tabela). Em 2040, a UE só terá dois ativos por aposentado; mas os países do Extremo Oriente, menos a China, terão ainda menos: entre 1,5 o Japão e cerca de 1,8 os outros.

	Fecundidade	Taxa de dependência de idosos (%)*		
	2010	2010	2020	2040
Japão	1,32	38,3	52,2	68,9
Coreia do Sul	1,29	17,1	24,1	56,8
Singapura	1,25	13,6	23,4	56,2
Taiwan	1,24**	16,3**	24,3	55,1
Hong Kong	0,99	18,4	26,7	54,9
China	1,64	12,7	18,4	40,1
India	2,73	9,0	10,9	17,3
Estados Unidos	2,07	21,8	28,3	38,7
UE	1,60	28,4	33,8	49,6

\*Maiores de 65 anos por 100 habitantes de 20-64 anos  
\*\*2012

Fontes: Divisão de População da ONU. Council for Economic Planning and Development (Taiwan), Eurostat.

## Mudança de mentalidade

Os "tigres" e a China juntam-se à tendência demográfica japonesa, em boa parte pelos mesmos fatores, surgidos mais tarde. Alguns viram-se também no Ocidente, embora com evolução menos brusca: aumento da esperança de vida, casamento tardio, entrada em massa de mulheres

no mercado de trabalho, e ainda circunstâncias peculiares do Extremo Oriente, que contribuíram para reduzir a natalidade.

Por exemplo, a expansão do emprego feminino deu-se com a ausência de políticas para conciliar trabalho e família. As casas são pequenas. Há uma extraordinária preocupação com o êxito dos filhos, e as escassas subvenções públicas, mais o elevado custo das boas escolas, levam a concentrar os esforços num só. Também teve influência o temor pela superpopulação, em parte inspirado pelos governos (sobretudo na China).

Em suma, a queda da fecundidade junta-se a uma mudança de mentalidade, como mostra a respeito da China uma reportagem da televisão do Qatar, Al Jazira, no seu *site* em inglês (15.11.2012). Diz uma jovem de Pequim, de 21 anos, sem irmãos, que a mãe não teria tido mais filhos mesmo que o governo lho tivesse permitido: "Dizia: criar-te já me custou a maior parte do meu tempo e das minhas forças. Mas eu tenho as minhas próprias coisas para fazer. Tenho gostos e amigos. Necessito de tempo para realizar as minhas aspirações".

## Pouca cobertura social

No Japão, país rico, o envelhecimento trouxe um forte aumento dos gastos sociais. Em 1980, eram 10,2% do PIB, cinco pontos menos do que a média da OCDE; em 2009, dados mais recentes, tinham-na superado ligeiramente, depois de ter subido para mais do dobro: 22,1%. Quase dois terços do

aumento correspondem aos idosos, caso único na OCDE; neles se aplica já cerca de metade do total.

Mas os outros países da região têm sistemas de proteção social muito menos desenvolvidos. Na Coreia do Sul, os idosos de 65 anos são 11% da população, o que corresponde a 2,1% do PIB. Os outros "tigres" e a China estão em situação similar.

Até agora, a modesta cobertura social foi sustentada pela família, mas já não se pode contar tanto com ela, e as necessidades vão multiplicar-se. Na China, os jovens confrontar-se-ão com o fenómeno conhecido como 4-2-1: muitos filhos únicos de filhos únicos vão ocupar-se durante vários anos dos pais e de quatro avós por cabeça. Com pensões modestas, como é comum nestes países, uma vida longa e poucos parentes, os idosos não têm assegurado um sustento digno por parte do sistema público, sobretudo se perdem autonomia.

A falta de cobertura compensa-se com a poupança privada, que nestes países é alta, mais de 20% do rendimento familiar disponível. Mas está condenada a baixar pelo próprio envelhecimento demográfico, como já aconteceu no Japão. Também a fará diminuir o desenvolvimento dos sistemas de pensões e de atendimento aos idosos. Mesmo que cada ativo continuasse a separar dinheiro para a sua própria aposentação, a redução da poupança total conduzirá a uma alteração das finanças, que afetará todos.

A China é o caso mais notável. Os bancos chineses têm os depósitos de um enorme número de austeros depositantes a quem pagam um juro muito baixo (também, por isso, os particulares economizam tanto), e emprestam às empresas em muito boas condições. A sensacional expansão de infraestruturas empreendida pela China nos últimos vinte anos financiou-se assim. Quando milhões de aposentados não puderem continuar a economizar, e os ativos forem muito menos, a China terá que ter aumentado a sua produtividade e baixar o seu crescimento, com incidência maior no consumo e menor na exportação.

## Necessitarão de imigrantes

O envelhecimento demográfico seria menos problemático se viesse só do aumento da longevidade, como nos países em desenvolvimento quando começam a notar-se os progressos em saúde. Mas se se deve também a menor natalidade, a população ativa diminui em termos absolutos. No Japão, a descida dura já mais de uma década. Diz a Divisão de População da ONU: para não aumentar a taxa de dependência, o Japão teria de subir gradualmente a idade da reforma até 77 anos e admitir um milhão de imigrantes por ano. Na China, a diminuição da população ativa começará em meados desta década e será rápida a partir da seguinte. Se

tem de se adiar a reforma, há margem: agora é aos 60 para os homens e aos 55 para as mulheres.

O Japão já aprovou há uns meses a subida de 60 para 65 anos a idade em que as empresas podem aposentar um empregado; mas a idade da reforma efetiva já é superior: 69 (homens) e quase 67 (mulheres). Na Coreia do Sul a reforma real é posterior à oficial: 71 e meio (homens) e 70 (mulheres), em vez de aos 60. Em Taiwan, a idade da reforma depende do seguro social que se tiver; para o da maior parte dos trabalhadores, agora está nos 60 anos, indo subir gradualmente de 61 para 67 a partir de 2018. Mas, a situação é oposta no Japão e Coreia do Sul, sendo a idade de reforma inferior à oficial: 56 anos e meio.

Outro modo de conter a taxa de dependência é admitir trabalhadores estrangeiros. Os países da Ásia oriental, excetuando cidades-estado (Singapura e Hong Kong), são refratários à imigração. Dos outros quatro, Taiwan é o número um com só 2,8%. O Japão tem 1,7%, a Coreia do Sul 1,1% e a China um insignificante 0,1%. Todos têm condições para atrair um grande fluxo de imigrantes do sudeste e sul da Ásia nas próximas décadas e, talvez, necessitem deles. A gestão do envelhecimento depende muito da sua disposição de abrir as fronteiras.

Neste Extremo Oriente que envelhece depressa, a China é um caso excepcional. A sua enorme população (1.340 milhões) agiganta as consequências do envelhecimento demográfico. O caso chinês tem um fator único há 33 anos: a política do filho único. O regime propõe-se suprimi-la; mas, ainda que o fizesse já, este duro controlo da natalidade teve efeitos irreversíveis para várias décadas.

#### Fontes estatísticas

- Divisão de População da ONU, "World Population Prospects, the 2010 Revision"
- Council for Economic Planning and Development, "Population Projections for R.O.C. (Taiwan): 2012-2060"
- Eurostat, "Demography Report 2010"
- OCDE, "Social Expenditure Statistics"

R.S.

(com autorização de [www.aceprensa.pt](http://www.aceprensa.pt))

## Essa praga humana

O documentarista britânico David Attenborough fez muito em prol da divulgação das belezas da natureza, dos cuidados a ter com o ambiente e dos conhecimentos biológicos. Mas é desses naturalistas tão preocupados com a extinção de qualquer espécie, que veem com maus olhos a propagação da espécie humana. Em recentes declarações à Radio Times fala dos seres humanos como "uma praga sobre a Terra" e exorta ao controlo do crescimento da população para sobreviver.

Attenborough prolonga, assim, no tempo, um tradicional grupo de alarmistas a respeito da explosão demográfica, os quais, desde há mais de meio século, nos anunciam o próximo esgotamento dos recursos naturais e a catástrofe planetária. De pouco serve termos superado, já várias vezes, o prazo prognosticado para o apocalipse demográfico, nem que países aparentemente condenados – como a China e a Índia – se tenham convertido em economias emergentes, em vez de se afundarem com o peso da sua população.

Como não é possível negar este desenvolvimento evidente, os malthusianos insistem, desde há anos, em que estamos a empobrecer o ambiente. Daí essa visão do ser humano como "praga".

Sempre me interroguei sobre se os que mantêm esta visão do homem se consideram a si próprios como parte da praga humana, pois dá a impressão de que falam do alto e que contemplam, a partir de lá, os males causados por outros. Concretamente, por esses africanos que se obstinam em se reproduzir. Também Attenborough centra, agora, o problema em África: "Continua-mos a desenvolver programas contra a fome na Etiópia. Mas há demasiada gente aí. Não podem manter-se, e não é desumano dizê-lo em voz alta".

Se não é desumano dizer que nascem demasiados africanos, tão-pouco o será dizer que na Europa vivem demasiados idosos. O próprio Attenborough já tem 86 anos. Uma criança progride com muito pouco; com o tempo, o seu cérebro e os seus braços vão contribuir para o PIB; e, num país em desenvolvimento, o consumo de recursos e até as emissões de CO<sub>2</sub> são menores do que nos países ricos. Já a população envelhecida de um país rico só se mantém com vida de um modo bastante artificial, consumindo mais recursos do que aquilo que produz e com um custo sanitário desmesurado. Não poderiam queixar-se os africanos por persistir a manutenção sobre o planeta dessa população tão envelhecida dos países desenvolvidos, que se agarra à vida ano após ano?

Alguém se atreveu a dizê-lo em voz alta. O ministro japonês das Finanças, Taro Aso, disse numa reunião do Conselho Nacional de Segurança Social que os idosos provocam um elevado nível de gastos sanitários e que o problema não se resolverá "se não morrerem depressa". As suas palavras não caíram bem num país onde 23% da população tem mais de 65 anos e a esperança de vida (83 anos) é a mais alta do mundo.

Mas, na lógica de Attenborough, a posição de Aso é pragmática. Se se trata de abrir espaço na Terra, não seria mais razoável prescindir dos que já apenas se limitam a consumir?

### **Também África cresce**

Tão-pouco é claro porque considera Attenborough haver demasiada gente na Etiópia, um país com uma densidade populacional de 79 habitantes/km<sup>2</sup>, e não se preocupa mais com o caso da Grã-Bretanha, que tem uma densidade de 258 habitantes/km<sup>2</sup>. Se a Grã-Bretanha pode manter-se perfeitamente com essa densidade, é sinal de que os problemas económicos e de sustentação dependem de alguns outros fatores além da população.

Para tranquilizar Attenborough pode-se referir que também a economia de África está a crescer, enquanto que o aumento demográfico abranda. Segundo projeções da ONU, espera-se que a atual taxa de 4,3 filhos por mulher baixe para 3,6 ou mesmo 3 no ano de 2030.

Na própria Etiópia, há um crescimento económico sustentado desde 2004, e para 2012 estima-se que terá sido de 7%, um dos crescimentos mais altos entre os países africanos não produtores de petróleo.

Muito menos é estranho que uma camponesa africana tenha mais filhos do que uma londrina nas suas circunstâncias de vida atuais; se nem todos os seus filhos vão sobreviver, se vão ser uma ajuda no trabalho e constituem a sua segurança social na velhice, a sua atitude é bastante compreensível.

Attenborough, um homem tão atento às maravilhas da natureza, deveria admirar também a capacidade de que deu mostras a espécie humana para inovar e descobrir novos recursos em situações comprometedoras. Mais do que uma praga, foi um fertilizante para desenvolver recursos onde parecia não os haver.

I. A.